



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES

BEATRIZ SIMPLÍCIO DE ARAÚJO

**O ensino-aprendizagem da tatuagem por mulheres no
contexto de Brasília-DF**

BRASÍLIA

2022

BEATRIZ SIMPLÍCIO DE ARAÚJO

**O ensino-aprendizagem da tatuagem por mulheres no
contexto de Brasília-DF**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Artes Visuais, habilitação em
Licenciatura, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.
Orientador(a): Prof. Christus Nóbrega

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder saúde e força para estar presente. Sou grata aos meus familiares, em especial minha avó, mãe e madrinha, que incentivaram e apoiaram meus estudos. E ao meu avô (*in memoriam*) que sempre me incentivou a entrar na Universidade Pública.

Esta monografia é a prova de que os esforços deles pela minha educação não foram em vão e valeram a pena. Gratidão as minhas irmãs e irmão, que são parte de quem sou. Agradeço ao meu namorado por estar ao meu lado e pelo amor.

Sou grata às amigadas, pelo carinho e suporte durante esses longos anos.

Agradeço ao meu orientador Christus Nobrega, professor, artista o qual me inspirou a repensar corpo na arte, após meu contato com sua obra “Sudário” (2013)” e por sempre me fazer pensar e questionar sobre o tema do meu trabalho de pesquisa.

Agradeço aos professores que me encorajaram a pesquisa sobre a tatuagem, sem vocês nada disso seria possível. Sou grata a Universidade Pública, e pelas políticas públicas que democratizam o saber.

Grata às tatuadoras profissionais, as quais participaram da pesquisa, e pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo.

Dedico esse trabalho as tatuadoras as quais tornaram os caminhos abertos para a realização dessa pesquisa.

PREÂMBULO

Peço para que os conteúdos aqui pesquisados e relacionados, a partir dos meus relatos pessoais, não sejam utilizados como uma instrução ou uma fórmula para a aprendizagem da tatuagem. Cada ser humano desenvolve suas potencializações de acordo com seu contexto de vida, aqui podemos encontrar uma reflexão sobre a tatuagem e seus contextos históricos e gerais dentro da informalidade de ensino.

RESUMO

Diante do cenário da tatuagem enquanto estudo e os conteúdos abordados para a profissionalização e regularização do ofício, foram abordadas reflexões a partir de uma narrativa pessoal, fundamentada pelo método de pesquisa autoetnográfica, onde foi possível compreender a partir das memórias, quais os meios e quais as dificuldades criadas advindas da segregação sexista em alguns estúdios. Com o objetivo de compreender como são desenvolvidas as relações de ensino-aprendizagem da tatuagem pelo panorama da mulher, enquanto profissional autônoma, e quais são as perspectivas sobre o modelo de ensino virtual a partir de outras narrativas, através da análise de discurso das respostas e com um arcabouço teórico de autoras, nas quais abordam o viés do feminismo, como Simone Beauvoir (1970), bell hooks (2013; 2019), Guerda Lerner (2019), realizou-se uma análise sobre o preconceito contra as mulheres tatuadora, tanto na profissão quanto na sociedade no geral, já em relação ao processo de ensino-aprendizagem utilizou-se autores do viés pedagógico, como John Dewey (1978) e Paulo Freire (1996), que relacionam as experiências educativas em práticas reflexivas, visando alcançar a autonomia, por meio da reconstrução dos ensinamentos aprendidos para o desenvolvimento do aprendiz ao profissional qualificado. Como metodologia, foram realizadas pesquisas de campo a partir dos métodos mistos sendo eles: (1) Grupo focal – um grupo criado na plataforma do WhatsApp, com cinco tatuadoras profissionais de Brasília (DF), as tatuadoras: Ana Terra, Bruna Seabra, Leticia Helena, Keth Krueger e Nashari no dia 04 de abril de 2022. E (2) uma entrevista com a tatuadora Hosani Finotelli (Medusa).

Palavras-chave: Tatuagem; ensino-aprendizagem; tatuadoras, feminismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. MULHERES AUTÔNOMAS EM UM MUNDO FANTÁSTICO: CRIANDO CONSCIÊNCIA SOBRE A PRÓPRIA EXISTÊNCIA E O UNIVERSO DA TATUAGEM	7
1.1 — O VALE DAS TATUADAS E LIBERTINAS: O ESTIGMA DA TATUAGEM, IDENTIDADE SOCIAL, CORPO MÍDIA, ENFRENTAMENTO.	7
1.2 – <i>DEJA-VÚ</i> E O RITUAL DE INICIAÇÃO: AUTOCONHECIMENTO E AUTONOMIA	13
1.3 - NASCIMENTO DE MINERVA: RITUAIS DE INICIAÇÃO E RESISTÊNCIA	17
1.3.1 Quando comecei a trabalhar no estúdio de tatuagem	20
2. OS PARADIGMAS DA TÉCNICA: DO IMAGINÁRIO À PELE.	23
3.1- O PRIMEIRO VOO E O ENFRENTAMENTO DO ABISMO: A PRIMEIRA TATUAGEM	23
3.2. PONTOS, LINHAS E TRAÇOS, BORDANDO O SABER: CONHECIMENTOS NA TATUAGEM, COSTURANDO CAMINHOS NA APRENDIZAGEM.	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A – RELATO NA ÍNTEGRA DO GRUPO FOCAL COM AS TATUADORAS	37
APÊNDICE B – GLOSSÁRIO	47

INTRODUÇÃO

Essa monografia tem como objeto de estudo os métodos e processos de ensino-aprendizagem da arte e do ofício da tatuagem, por mulheres no contexto da cidade de Brasília, no Distrito Federal (DF). A pesquisa é fundamentada no método autoetnográfico, com base nas memórias e caminhos percorridos pela pesquisadora, bem como, pelo estudo analítico do referencial bibliográfico, e na pesquisa de campo realizada com o método do grupo focal, realizada com um grupo de tatuadoras de Brasília (DF).

A pesquisa está dividida em dois capítulos. No primeiro, a partir de um relato autoetnográfico, resgato o início do meu interesse pela tatuagem, o preconceito social em ter a pele tatuada, a formação da identidade gênero, o descobrir-se mulher e as barreiras nesse mercado de trabalho, tais como o assédio sexual, a diminuição do valor do trabalho realizado pela mulher, a falta de oportunidade e a mudança do paradigma para as mulheres desenvolverem a tatuagem enquanto profissão. Como arcabouço teórico, as teorias do feminismo articuladas por Simone de Beauvoir (1970) e bell hooks¹ (2013; 2019) são utilizadas.

Assim, reconhecer-se como mulher na sociedade é saber que o preconceito e a violência contra o gênero feminino é uma realidade que faz parte do caminho de cada mulher no mundo. Falar sobre o feminismo dentro da profissão da tatuagem é trazer à luz, questões que perpassam o ensino e aprendizagem da técnica, sendo uma barreira criada pela misoginia existente dentro dos estúdios. Para hooks:

“Entre homens e mulheres o sexismo se expressa na maior parte das vezes na forma da dominação masculina, que por sua vez, leva à discriminação, à exploração e à opressão. Entre as mulheres, os valores supremacistas masculinos se manifestam por meio de desconfiança, postura defensiva e atitude competitiva” (hooks, 2016, p. 85).

No segundo capítulo, com o objetivo de coletar e relacionar no desdobramento do texto as narrativas das tatuadoras, por meio da análise do discurso, sobre o decorrer da aprendizagem, os métodos de ensino aplicados e as

¹ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks – escritora e ativista social. O apelido “bell hooks”, que ela escolheu para assinar suas obras, é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é grafado assim mesmo, em letras minúsculas. A justificativa se acha na frase da própria bell: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu” (HOOKS, 2009). Para ela, nomes, títulos, nada disso tem tanto valor quanto as ideias. Respeitando à opção da autora, decidiu-se manter a grafia com que ela se identifica.

dificuldades, principalmente pela segregação sexista no ambiente profissional, e analisar o debate sobre os novos modelos de ensino virtual, disponibilizados nas plataformas digitais, utilizaremos o conceito de ensino com autores dos livros “Vida Como Educação” do autor John Dewey (1978) e “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (2018).

Desta maneira, foi idealizado e realizado uma pesquisa com cinco tatuadoras de Brasília (DF), a metodologia adotada para a coleta de dados foram utilizados instrumentos metodológicos mistos: (1) entrevista com a tatuadora Hosani Finotelli "Medusa", conhecida como a primeira tatuadora do Brasil, e (2) método de pesquisa Grupo Focal on-line, no qual foi criado um grupo virtual pelo aplicativo WhatsApp, com cinco tatuadoras profissionais de Brasília, Ana Terra, Bruna Seabra, Leticia Helena, Keth Krueger e Nashari, que colaboraram com a pesquisa realizada no dia 18 de abril de 2022, e eu como mediadora da pesquisa.

A escolha da plataforma para o encontro do grupo foi idealizada pela dificuldade da compatibilidade de horários entre as participantes, dado a complexidade das disposições do grupo focal, e a facilidade do advento das redes sociais, o Whatsapp qualifica-se como ferramenta para colher dados, que possibilita o encontro, apesar da distância entre as participantes, e a não-simultaneidade que democratiza a participação das envolvidas na pesquisa pelas adversidades espacial e temporal.

Foram realizadas cinco perguntas norteadoras com base no problema da pesquisa: “como funcionam os processos de ensino e aprendizagem dentro da tatuagem por mulheres em Brasília?”. Para Gui (2003, p.143) “A interação grupal possibilita aos participantes insights sobre temas e comportamento complexos dando continuidade ao processo de construção social que ocorre no cotidiano das pessoas”. O objetivo aqui é analisar as respostas das participantes, que servirão de contribuição para a história da prática da tatuagem por mulheres em Brasília, não se fechando em uma realidade absoluta, mas sim pela construção da realidade social vivenciada por cada participante.

Podemos observar pela óptica de Beauvoir (1970), positivista, existencialista e fenomenológica a construção do perfil da mulher tatuadora na sociedade contemporânea. Protagonistas no seu caminho na profissão como tatuadoras,

mulheres tornam-se aprendizes do ofício, ressignificando o conceito da mulher na tatuagem.

Ao final da pesquisa concluímos que o caminho dos “aprendizes” trilhado na tatuagem é permeado pelo conhecimento e pode ser alimentado pela presença e o contato entre tatuados e tatuadores, que ampliam as experiências educativas. À medida que a tatuagem é objeto de estudo, os debates de modo reflexivo sobre a história, técnicas de desenhos, aplicação, materiais, entre outros, fazem parte da criação de repertório como profissional e o desenvolvimento como tatuador-artista.

A fim de questionar e denunciar o impasse do sexismo realizado tanto na vida social quanto na vida profissional de uma mulher, a presente pesquisa busca desenvolver os seguintes aspectos sobre o preconceito contra as mulheres na tatuagem: como é perpetuado o ensino e aprendizado? Quais os métodos e os obstáculos encontrados na construção do conhecimento? Sabemos que é utópico querer dar conta de todas as respostas, visto a complexidade da formação do aprendiz na tatuagem e dos conteúdos ensinados pelo tatuador, ainda assim, a pesquisa segue um viés ideológico do ativismo feminino de modo a contribuir para a defesa e emancipação do ensino democrático, igualitário e libertador.

1. MULHERES AUTÔNOMAS EM UM MUNDO FANTÁSTICO: CRIANDO CONSCIÊNCIA SOBRE A PRÓPRIA EXISTÊNCIA E O UNIVERSO DA TATUAGEM

O capítulo 2 abordará a perspectiva da autora sobre seu primeiro contato com a tatuagem, o ato de identificar-se como mulher na sociedade, o início do estigma da tatuagem no Ocidente, a clandestinidade da prática, o corpo mídia, o enfrentamento às críticas da sociedade moderna e o surgimento da mulher-aprendiz na tatuagem.

2.1 — O VALE DAS TATUADAS E LIBERTINAS: O ESTIGMA DA TATUAGEM, IDENTIDADE SOCIAL, CORPO MÍDIA, ENFRENTAMENTO.

Com doze anos, em 2008, minhas primas me levaram para acompanhá-las em um estúdio de tatuagem em Brasília, para tatuar um símbolo de irmãs. Observei o lugar e tive fascínio pelo ambiente e pela mágica em marcar o corpo permanentemente. O conceito de ferir a pele para inserir um símbolo que cicatrizará

e ficará marcado por toda uma vida, me provocou questionamentos profundos sobre a minha própria existência.

As expectativas que eu havia construído sobre a tatuagem davam-se pelas falas dos meus familiares, os quais tinham um certo preconceito com pessoas tatuadas, devido à herança cultural de seus antecessores ou até pela discriminação na sociedade, que por muito tempo viu a tatuagem como símbolo de marginalidade. Minhas primas se tatuaram contrariando a família, e foram criticadas por isso. Sob a minha óptica, elas tomaram posse de seus corpos independente da opinião dos outros, realizando as suas vontades ao marcar para sempre suas peles com um símbolo que demonstrava a ligação entre elas.

Assim, apenas por nascer mulher, somos impossibilitadas de inúmeras atuações na sociedade, obrigadas a moldar e mudar várias atitudes para subsistir como ingênuas e submissas aos olhos do patriarcado, sendo que para eles, a “verdadeira” mulher é aquela que demonstra o *eterno feminino*. Em *O Segundo Sexo, Fatos e Mitos*, Beauvoir (1970), afirma que o eterno feminino é similar à *alma negra*, designação que retrata o desejo da casta dominadora de pôr a mulher em “seu lugar”, no local de vassalagem (sujeição).

Considero essa construção do perfil feminino na sociedade uma grande opressão da mulher selvagem e livre que habita dentro de cada uma de nós. A divisão dos sexos não é um fato histórico, com o sexo feminino tendo sua história criada e contada pelo homem, categorizando-a como um sexo “incompleto”, ou o outro do “sujeito universal masculino”. Declara:

(...) antes de mais nada: que é uma mulher? "*Tota mulier in utero: é uma matriz*", diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: "Não são mulheres", embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e, contudo, dizem-nos que a feminilidade "corre perigo"; e exortam-nos: "Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres". Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade." (BEAUVOIR, 1970, p. 7)

Simone Beauvoir, escritora de origem francesa, promove a luta pela liberdade individual e considera os meios do ser humano realizar-se na condição feminina. A autora revela em seu livro os caminhos que lhe são abertos, além da independência e da superação das circunstâncias que restringem a sua liberdade. Com base em

Beauvoir, e considerando a minha condição como mulher na sociedade, em busca da própria emancipação e autonomia, observei na tatuagem, um *modus vivendi*, o qual gostaria de fazer parte.

Na adolescência, pude idealizar a minha personalidade quando, em meu primeiro contato com a tatuagem, percebi uma forma de usar meu corpo — e minha mente — como uma quebra de padrões da mulher dominada e submissa aos desejos do patriarcado. Vivenciar a experiência como mulher na sociedade, é entender os estigmas criados na história da humanidade, e lutar pelo direito de existir e assumir o protagonismo da nossa própria história.

A palavra Estigma, do latim, *stigma*, em sua etimologia se traduz como a marca ou a cicatriz deixada no corpo, naturalmente ou concebida. Por consequência, sustentado pelo artigo “Tatuagem, Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma”, Lise; Gauer; Neto (2013) ressaltam que o estigma criado pela sociedade contra os corpos tatuados faz alusão aos corpos marginalizados/excluídos da sociedade, que por séculos utilizou a tatuagem como marca de punição, diferenciação e identificação, como ocorreu no Holocausto em Auschwitz, ou dentro de presídios, onde a tatuagem era realizada para mostrar crimes cometidos e definir *status*.

Nesse sentido, é possível citar, segundo os autores Lise; Gauer; Neto (2013), o caso das mulheres nipônicas no Oriente Antigo, as quais utilizavam a tatuagem em seus corpos para escapar de possíveis sequestros habituais realizados por homens japoneses, dado que a tatuagem era vista pejorativamente por aquela cultura.

No contexto histórico, mesmo não sabendo ao certo o início da prática da tatuagem, foram encontradas múmias tatuadas datadas com mais de 5.000 anos, detalhadas no periódico científico *Journal of Archaeological Science*, (FRIEDMAN, ANTOINE, TALAMO, *et al.*, 2018). Para os autores, essa descoberta e outras ao redor do mundo mostram que a tatuagem se desenvolveu em diversas culturas, em diferentes períodos, realizada desde os primórdios, essa prática cultural se perpetua até hoje.

Na perspectiva de algumas religiões, como o cristianismo, o judaísmo, o islamismo e os mórmons, o ato de modificar esteticamente o corpo é visto como algo inadequado, dado que as hipóteses sobre o estigma da tatuagem no Ocidente

podem estar ligadas aos credos dessas religiões através do tempo, como a tatuagem sendo uma apresentação de marcas demoníacas. Em meio aos fundamentos bíblicos do cristianismo, a ideia do corpo humano criado por Deus, o qual não poderia ser modificado pelo homem, fez com que a tatuagem se tornasse a marca do pecador, associada à superstição e ao paganismo.

Assim, vários continentes, a prática foi repudiada por desviar os princípios do *corpo imaculado*, logo, a tatuagem foi relacionada à uma intervenção que altera o estado natural/físico do ser humano. Um exemplo dessa expressão na linguagem moderna foi o uso da tatuagem no sistema carcerário japonês, em que ela foi usada como símbolo de criminalidade, praticada por membros da máfia Yakuza, sendo considerada uma prática cultural entre os presos (LISE; GAUER; NETO, 2013).

Apontada as hipóteses sobre a origem do estigma, no decorrer da história, a tatuagem foi associada à marginalização do corpo, desta maneira, o ato de tatuar foi perpetuado clandestinamente na sociedade, ocultamente ou secretamente. Aqui no Brasil, Jeha (2019) em seu livro “Uma história da tatuagem no Brasil”, relata que no final do século XIX, a palavra “tatuado/tatuagens” estava estampada em páginas policiais de qualquer jornal relacionadas a crimes ou mortes. Promovendo, assim, o estereótipo dos tatuados como marginais.

Assim, voltando ao ano de 2008, quando tive meu primeiro contato com a tatuagem e como não poderia ser tatuada por conta da pouca idade, fui fortalecendo o meu ideal, imaginando a tatuagem como uma forma de protesto, com símbolos que me trariam poder para enfrentar a sociedade para ser como eu bem desejasse, independente das críticas.

Conforme os anos se passavam, a comunidade de mulheres tatuadas me inspirava, me sentia representada por elas, por meio delas eu estava me descobrindo no mundo, meus gostos, minha personalidade, e ali pude ver uma luta que utiliza o corpo como linguagem. De dentro para fora, tornar-se mulher é um aprendizado diário, tendo em vista as dificuldades impostas pela realidade social. A estruturação da minha imagem corporal e imagética realizava referência aos ideais da contracultura do feminismo e ao campo das Artes Visuais.

Assim, pouco a pouco fui ingressando no mundo da tatuagem, identificando a memória sobre a prática do desenho, voltei a desenhar, como fazia na infância,

recordo que no início não tive muito incentivo para desenvolver a habilidade. Havia um impulso e desejo de realizar algo manual, e com o difícil acesso aos materiais de tatuagem, realizei desenhos, rabiscos, pinturas com o que havia em meu contexto. Gradualmente fui produzindo desenhos e criando um repertório imaginário e imagético de experimentações visuais.

É importante apresentar que durante a idade média surgiu a diferenciação entre a produção manual e a produção intelectual atrelado ao sentido de valorização, diferenciação essa que persiste até os dias atuais. Muitas vezes, o processo manual só é valorizado se atrelado a uma referência, ou produção intelectual, fazendo com que, mais uma vez se afirme a banalização e marginalização do tatuador autônomo ou artesão.

Ao lado da minha escola no ensino médio, tinha um estúdio de tatuagem, um dia passei lá para fazer um orçamento. Porém, o tatuador me alertou que não realizava procedimentos em menor de idade, a menos que houvesse autorização dos meus responsáveis legais. Pedi a primeira vez para minha avó essa autorização, ela não permitiu. Por conseguinte, uma prima com quem eu tinha amizade e compartilhava de pensamentos afins quando nova, procurou outro tatuador que atendia menores de idade e logo marcou um dia para fazer a tatuagem dela, e me convidou para acompanhá-la. A princípio hesitei, por ser ilegal, por não saber como ela encontrou esse contato e por ser em um local desconhecido para nós duas, porém, eu poderia ter a possibilidade de ver novamente como é realizada uma tatuagem.

A adolescência é uma fase de grandes mudanças, tanto físicas, quanto expressivas, importantes para a construção da imagem corporal. Para Campagna e Lopes de Sousa (2005); “[...] A adolescência compreende as alterações biológicas, psicológicas e também as sociais que ocorrem nessa fase do desenvolvimento”. Diante de várias mudanças se efetua a reformulação da imagem corporal. Para as autoras “[...] a imagem corporal ou esquema corporal é a representação mental do próprio corpo, o modo como ele é percebido pelo indivíduo. Compreende não só o que é percebido pelos sentidos, mas também as ideias e sentimentos referentes ao próprio corpo, na maioria inconscientes” (SCHILDER 1999 *apud* CAMPAGNA; SOUZA, 2005)².

² Schilder, P. (1999). A imagem do corpo. (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Ainda nesse contexto, segundo o Projeto de lei n.º 4298, da Câmara dos Deputados, de 2012, é proibida a aplicação de tatuagens e adornos em menores de 16 anos, mesmo com a autorização dos pais, e após essa idade, entre os 16 e 18 anos, o procedimento pode ser realizado com a autorização dos pais e reconhecida em cartório. No entanto, mesmo com a proibição na legislação, muitos adolescentes se expõem a grandes riscos em situações clandestinas para realizar procedimentos invasivos, e muitas vezes irreversíveis à saúde. Similar a essa situação, temos as situações que envolvem a saúde pública da mulher, como o aborto, em que mulheres procuram lugares e métodos ilícitos para realizarem intervenções cirúrgicas. No Brasil, segundo Domingos e Merighi (2010), por ser um ato ilegal, mulheres que não pretendem continuar a gestação, acabam procurando clínicas clandestinas, sujeitando-se ao aborto em condições precárias, que implicam em consequências graves a saúde física, psicológica e à própria vida.

No dia combinado, ilegalmente, chegamos ao lugar: era na residência do tatuador, um local insalubre, bastante sujo. Havia uma mesa bagunçada cheia de coisas de tatuagens: agulhas, abertas, biqueiras de aço soltas — e provavelmente sujas — em cima da cama, um local inapropriado para isso. Ainda assim minha prima estava encorajada e eu também.

Após a tatuagem dela, que foi até rápida, o tatuador perguntou se eu gostaria de também realizar uma tatuagem — o que poderia ser feito ali na hora. Ele me informou que reutilizaria a mesma agulha que usou na minha prima, com o argumento de que não teria problema, já que éramos da mesma família. Observando toda a situação, desisti de fazer a minha primeira tatuagem naquele dia. Hoje vejo o tanto que essa situação é problemática em vários aspectos. Tanto de segurança, quanto de saúde: poderíamos ser realmente mortas, violentadas, ou contrairmos alguma infecção, como a cruzada, entre outros riscos.

Diante desse relato, podemos afirmar que o ensino da tatuagem por muito tempo se conservou de modo clandestino, motivando sua prática na ilegalidade, realizada em espaços insalubres, não próprios para essa categoria de procedimento, promovendo ainda mais sua recriminação, o que refletiu, por muito tempo, na prática de se tatuar e a falta de informações sobre o processo. Pela falta de informação, muitos jovens menores de idade procuram lugares suspeitos para realizar sua primeira tatuagem, como a minha prima, colocando assim sua vida e saúde em

risco. Os estúdios regulamentados são locais de credibilidade para a realização de tatuagens, troca de conhecimento e desenvolvimento de técnicas, mas é necessário problematizar o ambiente de tatuagem e a inclusão do gênero feminino dentro desse espaço, majoritariamente masculino.

Após esse episódio com a minha prima, não demorou muito para que a minha tia, mãe da minha prima, descobrisse a tatuagem que ela fez escondido, e procurar o tatuador para denunciá-lo. Logo após esse episódio, minha tia e minha avó conversaram entre si e decidiram autorizar que fizéssemos uma tatuagem, em um estúdio regulamentado, limpo, um espaço próprio para isso, que foi, inclusive, o estúdio ao lado da minha antiga escola, aquele que fiz um orçamento. Então, assim, marquei minha primeira tatuagem.

Um certo dia, próximo ao estúdio, havia uma igreja protestante (Universal) que estava distribuindo jornais, por curiosidade, peguei o jornal, e nele tinha uma manchete sobre “O vale dos tatuados”, como é conhecida a comunidade dos tatuados, e que se refere à doutrina espírita que fala sobre um local no mundo espiritual, onde lá são encontradas pessoas que “estragaram” seus corpos de carne, sua roupa perispiritual, ou seja, a vestimenta do espírito. Enigmática a literatura realizada em torno desse conceito, refletindo de acordo com a história da tatuagem, e pelos argumentos aqui citados, essa prática criada nos primórdios da humanidade, relacionada aos rituais de passagem foi banida e estigmatizada como um símbolo de marginalidade na sociedade moderna. Atualmente, pode-se observar a tatuagem sendo pensada e elaborada de modo científico, e os tatuadores cada vez mais qualificados para realizar a arte corporal. Diante da história da tatuagem, a fomentação de mulheres a frente desse mercado se deu junto a luta pela igualdade de direitos. A história da luta feminina e a história da tatuagem, ambas buscaram emancipar-se das críticas e desse local de sujeição, com anseio de liberdade.

Portanto, esta dissertação coloca em questão a prática da tatuagem por mulheres, que enquanto comunidade foi se desenvolvendo e se libertando da crítica social, como afirma Beauvoir (1970), as mulheres possuem uma vida dificultada enquanto protagonista da própria história e a partir da tatuagem, é possível, hoje, assumirmos controle de nossos corpos e escolhas, conquistados a partir da luta feminina pelos direitos à dignidade humana, sendo possível criar e dialogar com diversos pontos de vista dentro do gênero e em diversas situações.

1.2 – DEJA-VÚ E O RITUAL DE INICIAÇÃO: AUTOCONHECIMENTO E AUTONOMIA

Minha primeira tatuagem foi feita aos 15 anos, foi o desenho de uma âncora na perna. Minha avó assinou um termo de responsabilidade pelo desenho executado, e cuidados nos pós-tatuagem. Meu avô, não gostou, me alertou dos preconceitos que eu enfrentaria na rua. Para ele, por ser mulher com tatuagens, o preconceito teria um peso maior, por me distanciar da prescrição normativa dos ideais falocêntricos, e pelas tatuagens que foram estigmatizadas, postas à margem da sociedade. Mesmo assim, apesar do corpo tatuado estar relacionado à criminalidade, realizei a tatuagem e escondi dele até quando pude. Minha avó assinou o termo contra a vontade dele, e para não gerar um conflito, eu também tatuei escondido.

A história da emancipação pela luta feminina é nova, perto da história do mundo, assim, a comunidade patriarcal menospreza as manifestações femininas que fogem do ideal imaginado por eles, a exemplo, um corpo feminino tatuado. Assim, o discurso do patriarcado moderno contra a mulher é uma concepção passada de geração em geração, entre as formas do domínio masculino, os “Estereótipos sexistas, preconceitos e discriminações contra as mulheres ferem o princípio constitucional da isonomia assegurada pela lei e são, portanto, uma forma de violação dos direitos humanos das mulheres.” Narvaz e Koller (2006, p.52).

Ainda nesse viés, para Wolff (2020), "sororidade" é uma palavra originária do latim *sóror* que significa irmã. O conceito, porém, ultrapassa a ideia de irmandade, com o papel de aproximar mulheres em círculos de empatia e atitudes positivas, com o entendimento que o patriarcado é estruturado e que estamos todas sob essa estrutura coesa contra a qual precisamos lutar, e, um dos métodos para manter a força é a união. Logo, a sororidade é a base para a emancipação de outras mulheres. As relações femininas de união, empoderamento e de apoio as suas diferenças identitárias, são mecanismos que favorecem a prática da transgressão de comportamentos e valores subjugados pela teoria patriarcal, originados com intuito de vetar os direitos das mulheres” (LERNER, 2019). De acordo com ela, o patriarcado em sua definição geral “sugere que os homens têm o poder em todas as instituições importante da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder.”

Ciente que vivemos em uma cultura de dominação, para hooks (2013), “aprendendo com os movimentos de mudança social, com os esforços dos direitos civis e pela libertação feminina, temos de aceitar que nossa luta será longa [...]”. Para a autora, a educação é a base para a liberdade (HOOKS, 2013, p. 50). Em seu livro, *Teoria Feminista: da margem ao centro* (2016), hooks defende que a futura luta feminista precisa estar estável e fundamentada na apuração da necessidade de desenraizar os motivos e as causas culturais do sexismo e de outras formas de opressão (HOOKS, 2016, p. 66).

Voltando ao dia que fiz minha primeira tatuagem, o desenho que solicitei foi uma âncora com rosas, eu havia criado uma simbologia sobre a imagem que me traria força para enfrentar a opressão social e carregaria para toda a minha vida, admirava o estilo *Old School* e levei algumas referências para a criação do desenho. Ao chegar no estúdio esperei o material ser montado e o desenho ser realizado, enquanto isso aguardei na recepção olhando umas pastas com vários *flashes*. Conversei com a equipe que trabalhava lá, perguntando como era ser tatuador, como funcionavam os cuidados, como eles elaboravam os desenhos, e como passava para pele, segundo Zamboni, “a arte e a ciência, enquanto faces do conhecimento, ajustam-se e se complementam perante o desejo de obter entendimento profundo (ZAMBONI, 2006, p.21 *apud* VALÉRY,2015 p. 318)³.”

Paulo Freire (1996) em “Pedagogia da Autonomia”, cita que no processo de aprendizagem, o qual o ato de ensinar não é apenas uma tarefa adaptada no aprender, mas perfilada em si, a relação com a aprendizagem causa no aprendiz mais curiosidade, o que pode torná-lo mais criativo, ou seja, quanto mais criticamente é exercido a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve, o que Freire (1996) chama de “curiosidade epistemológica” necessária para alcançar os fundamentos/cabal do objeto.

Eu tinha bastante curiosidade em todo o processo, Dewey (1978) afirma que a experiência educativa é uma experiência inteligente, do qual se percebem relações e continuidades antes não percebidas. Antes de iniciar todo o ato, o tatuador acertou os últimos detalhes do desenho, observei o processo manual, desde a confecção/criação do desenho no papel sulfite com lápis e lapiseira, até passar as

³ ZAMBONI, S. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. São Paulo: Autores Associados, 2006.

linhas com a caneta para o papel hectográfico, e depois na tatuagem com agulha e biqueira. A passagem do desenho para o papel hectográfico serve como um decalque para fixar as linhas do desenho na pele, esse procedimento pode ser repetido até tatuador e cliente ficarem satisfeitos com o encaixe no corpo. Logo, pensar, observar, e entender e tantas outras qualidades da inteligência estão associadas à compreensão visual. (Dondis,1997)

Para Dewey, o conceito de educação é “o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras”. (1978, p.17). Por observação começava aí meu processo de aprendizagem, segundo Donis A. Donis (1997) a imediatez da expressão específica, na comunicação visual se mostra por meio de técnicas que nos permitem controlar o significado na estrutura. Ao observar os materiais de tatuagem e ao compreender seus usos, interessei-me em aprender mais sobre o mundo da tatuagem.

Ainda segundo o autor, a manipulação de elementos visuais, é algo fluido, e o método de pré-visualização e de planejamento elucidada o caráter da mensagem sintetizada, ele afirma ser uma categoria de inteligência não-formal, de natureza criadora de conteúdo em uma forma, através do controle da técnica. No design, para Donis A. Dondis (1977), a composição visual parte dos elementos básicos: ponto, linha, forma, direção, textura, dimensão, escala, os mesmos elementos podem ser observados na tatuagem. “O planejamento cuidadoso, a indagação intelectual e o conhecimento técnico são necessários no design e no pré-planejamento visual.” (1977, p.136).

A inteligência visual não é diferente da inteligência geral, e o controle dos elementos dos meios visuais apresenta o mesmo domínio de outra habilidade qualquer. Esse domínio pressupõe que se saiba com o que se trabalha, e de que modo deve proceder” (DONDIS,1977, p.136). Para Lipovetsky e Serroy (2015) as artes são realizadas com muito respeito e a regras rígidas com fidelidade à tradição, obedecendo aos cânones recebidos dos ancestrais ou deuses (Artealização ritual).

Após os preparativos começamos a tatuagem, a sensação da agulha perfurando a pele nos primeiros minutos foi de desconforto, até pensei: “Por que fiz isso comigo mesma? Dói, e não sai... E se eu me arrepender... E se eu não

gostar... E se eu nunca mais arrumar um emprego... será que estou entrando para uma seita?”. Foram tantos questionamentos, até o momento em que consegui controlar a dor, percebi meu corpo físico no mundo, a tatuagem se apresentava a mim como um ritual, de morte e renascimento. Para Lipovetsky e Serroy (2015), a arte não tem existência separada, ela molda a totalidade da vida, logo os ritos de passagem dão lugar a um trabalho de *artealização*. O tatuador me perguntava se estava tudo bem, o que ajudou bastante com a dor, e ao ver o desenho sendo tatuado, e estava bonito, comecei a me sentir confortável e, antes mesmo de terminar, fiquei pensando em fazer outra.

Acerca do conceito de *artealização ritual*, empregado por Lipovetsky e Serroy (2015) o desenho da tatuagem, como um rito de passagem, podem conferir poderes práticos.

“A tatuagem hoje, representa um prolongamento da mente. O indivíduo que a adquire transfere para ela a memória de um fato ou de uma situação. A lembrança que antes habitava na memória ou em determinados objetos externos ao corpo, agora é incrustada na pele.” (FERREIRA, 2005 p. 106)

Para Dinter (2005), em seu livro *The World of Tattoo*, encontrar um grupo e tornar-se parte, e, ao mesmo tempo, diferenciar-se no mundo é um fenômeno tribal antigo, quando são tatuadas, as pessoas podem satisfazer o desejo antigo, inconsciente e natural de afirmar seu lugar na sociedade, onde quer que seja realizada, servem principalmente como amuletos ou para reforçar a autoimagem. Após a tatuagem comecei a me sentir com mais autoestima, como se a ela me desse empoderamento, levando minha mente e meu corpo para lugares que nunca imaginei. Hoje, escrevendo sobre, parece que eu precisava passar por esse momento, que ele era um momento de grande importância para me transformar e quem sou hoje. Como um *deja-vú*, um ritual de iniciação/ corporificação.

1.3 - NASCIMENTO DE MINERVA: RITUAIS DE INICIAÇÃO E RESISTÊNCIA

Pensei tanto em tatuagem durante meu Ensino Médio que comecei a desenhar com mais frequência, elaborava desenhos com referências de tatuagem *Old School* como: andorinhas, corações, adagas, até rostos de *pin-ups*. Para Melo (2017) os desenhos regidos nesse estilo são bem caricatos, realizados com uma linha grossa, e poucas cores, sólidas e vibrantes, e foi nessa perspectiva que comecei a desenhar.

No ano seguinte já pretendia fazer a minha segunda tatuagem, seria uma homenagem à minha avó, uma *pin-up* dentro de um quadro com uma caveira e ramos na minha perna esquerda. Voltei ao estúdio para realizar outro orçamento e, a partir disso, comecei a ir com mais frequência no meu tempo livre — já que era localizado próximo à minha escola — e a conversar não só com o tatuador, mas também com os clientes da loja, dando ideias de tatuagens, palpitando se a *tattoo* estava em um local legal no corpo, e até recepcionando clientes, quando o recepcionista não se encontrava.

Assim, fui estreitando os laços com o universo profissional da tatuagem. Nesse período, já havia notado mulheres tatuadas e tatuadoras em revistas da área, na internet e em filmes, mas eram bem distantes do meu contexto social. O mundo da tatuagem foi dado em grande predominância pelo gênero masculino, portanto não me imaginava realizando algo de tamanha responsabilidade. Até por não ter tanta referência de tatuadoras próximas a mim. Pensar em ser tatuadora era um passo muito longe, porém apreciava a ideia de me envolver mais na área. No segundo ano do ensino médio, ainda com 16 anos, recebi um convite para estagiar na recepção de um estúdio. Conversei com a minha avó sobre essa oportunidade, em que estaria ganhando meu primeiro salário, e estava muito interessada na área. Ela negou, tinha medo que eu trabalhasse com isso, tinha receio que eu ficasse bastante tatuada, e também que não tendesse a outros empregos formais. Então neguei essa oportunidade, pois não tinha idade nem autorização para tal atividade.

O olhar que minha avó enxergava para essa profissão que, na época, ainda não tinha muitas mulheres à frente, era o mesmo que a sociedade dava, ainda existia um julgamento bastante opressor na sociedade com quem era tatuado, marginalizando-os e havia também, insinuações perversas, principalmente, com mulheres tatuadas. Pude enxergar na tatuagem uma forma de expressar meus ideais contra o patriarcado e o preconceito. Infelizmente (ainda) são problemas sociais enfrentados no dia a dia por mulheres, empoderar-se é necessário para a emancipação das condições propostas pela sociedade, e para lutar por um mundo mais equitativo. Para Ferrari (2013), o “empoderamento feminino passa por vários caminhos na sociedade: pelo conhecimento dos direitos da mulher, por sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência de cidadania e, também, por uma transformação no conceito”.

De todo modo, frequentar o estúdio me fazia sentir como se eu entrasse em outro mundo, me sentia parte desse universo de alguma forma. Continuei ajudando na loja, como voluntária, até que recebi novamente a proposta para trabalhar na recepção, eu já havia completado 17 anos, assim sendo, minha avó me autorizou a trabalhar no estúdio como recepcionista. Ela conversou com o proprietário do estabelecimento, conheceu o espaço e me visitou algumas vezes, sabia que estar em contato com a tatuagem me deixava feliz. Ainda que a integração ao ambiente da tatuagem tenha sido de forma gradual e espontânea, experienciar situações de machismo, narrativas que inferiorizam a produção feminina tornaram o caminho árduo.

A segregação social e política que as mulheres foram historicamente conduzidas tiveram como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da ciência” (LOURO, 1997). O corpo social da mulher ainda enfrenta muitas situações de machismo no mundo, principalmente em ambientes públicos e privados e/ou profissionais, e que dificulta o desenvolvimento como protagonistas do estudo relacionado à prática.

Com base na narrativa pessoal e, a partir de respostas realizadas pelo Grupo Focal (Apêndice A), método realizado para pesquisa e desenvolvimento da presente dissertação, houve relatos sobre as opressões sofridas por mulheres dentro do ambiente profissional, tanto por clientes quanto por tatuadores. Debates necessários para reivindicar mais respeito, cessar a opressão sexista e segurança no desenvolvimento da prática da tatuagem, a partir da óptica do feminismo, e de acordo com bell hooks (2019) uma das bases do feminismo é a reivindicação para acabar a opressão sexista “Seu objetivo não é beneficiar apenas um grupo específico de mulheres, uma raça ou classe social de mulheres em particular. E não se trata de privilegiar a mulher em detrimento do homem. Ele pode transformar nossas vidas de um modo significativo” (HOOKS, 2016, p.59).

Abordando conceitos da corrente feminista, a luta pela equidade de direitos pode garantir mais segurança diante das violências realizadas em locais dados como ambientes masculinos, e transformá-los em locais não sexistas, acolhedores, e de apoio para o desenvolvimento da aprendizagem.

Algum tempo depois, após me aprofundar na ideia de ser tatuadora, pude ver que haviam poucas referências de tatuadoras profissionais na área em Brasília, entre elas, Medusa (Hosani de Souza) conhecida por ser a primeira mulher tatuadora do Brasil, Larissa Noronha, tatuadora a qual tive oportunidade de conhecer antes mesmo de começar a tatuar, Nashari, tatuadora participante do Grupo Focal, e Monique Pak, isso 2013, quando comecei a procurar mais informações. Pude perceber que mesmo em pequeno número, haviam mulheres talentosas trabalhando com essa arte. Suponho que devido ao estigma criado em torno da tatuagem, e principalmente pelo estereótipo machista da mulher tatuada como objeto de desejo, contrapondo essa visão, Azevedo e Souza (2019) afirma que “o novo desafio das mulheres é a conscientização de que se pode quebrar o estereótipo antigo”. Empoderar-se (Tomar o poder sobre si) para os autores, é a consciência coletiva tomada por atos que fortalecem as mulheres e promovem a equidade do gênero.

O desfecho sobre o tema perpassa a representatividade social da mulher na história da tatuagem, para além de tatuada, interessada e focada em seguir o caminho da tatuagem. Referenciar o caminho da aprendizagem inspirada em outras tatuadoras, é fortalecer os laços construídos durante a jornada nos espaços de trabalhos e fora deles. Enxerguei no processo de pigmentar a pele como uma profissão a seguir, assim começou meu caminho como mulher aprendiz na tatuagem.

1.3.1 Quando comecei a trabalhar no estúdio de tatuagem

Meu primeiro emprego não formal foi como recepcionista em um estúdio de tatuagem, um trabalho com várias responsabilidades. Entrava pela manhã, tinha que limpar tudo e abrir às 10h, após isso eu tinha que lavar biqueiras de aço, ligar para os clientes confirmando os horários, também montava a bancada do tatuador, todo o material de procedimento, como ele havia me ensinado. No meu tempo livre, me dedicava a aprender mais noções sobre desenho, anatomia, perspectiva, traços, formas, etc. Entre as obrigações, como: desmontar a bancada, receber pagamento, agendar outros clientes, eu conciliei os estudos em um cursinho pré-vestibular, pois planejava entrar na universidade e estudar após meu expediente.

Assim que ingressei na Universidade de Brasília, no curso de Artes Visuais -Licenciatura, tive maior contato com a História da arte, Arte-educação, obras, entre outras especificidades da grade curricular. No decorrer do curso fui identificando poucas abordagens sobre a tatuagem, quando a pedido meu, alguns professores me concederam referências bibliográficas, e incentivo à autonomia para pesquisar e relacionar a tatuagem com a pesquisa acadêmica. À medida em que conheci a relação dos desenhos e meios de refletir o conceito de arte, vistos na universidade, os conteúdos ministrados expandiram o meu repertório imagético, sensorial e conceitual, pude experimentar novos modos de estudar a arte. Para Muniz (2020) “A ligação entre desenho e a tatuagem é tão íntima, que se a tatuagem fosse um curso universitário, certamente seria uma pós-graduação ou um mestrado restrito para quem se graduou em desenho, design, pintura ou escultura (escolas artísticas).”

Assim permaneci por um tempo estudando no ensino formal, na Universidade, e no não-formal, na tatuagem, quando me interessei em tatuar, sabia que não seria fácil, mas já estava bem habituada ao meio, pois já fazia todo o processo de montagem de bancada para o tatuador, e alguns desenhos fáceis, que já conseguia realizar a mão, deixava o decalque pronto, era só chegar e tatuar, todo o resto já estava feito. Eu havia aprendido algumas técnicas de desenho, e até o próprio tatuador me incentivou a entrar naquele mundo, pois tinha muita afinidade com o processo e estava no caminho da tatuagem.

Logo depois comprei meu primeiro kit iniciante de *tattoo*, o tatuador me indicou um fornecedor, recordo que nesse ano o material de tatuagem era de difícil acesso, principalmente em relação à pesquisa estética. A tatuadora Nashari em resposta no Grupo focal (2022) para afirmou que:

“Foi um desafio, pois era um mundo bem difícil de adentrar. [...] Para comprar material, você tinha que conhecer outros tatuadores e esperar os poucos fornecedores de outros estados, que visitavam Brasília algumas vezes por ano, para fornecer materiais para os que sabiam e os procuravam em seus hotéis” (GRUPO FOCAL, 2022)

Assim, a prática da tatuagem era também de difícil acesso, os interessados em aprender, apresentavam portfólios com desenhos desenvolvidos para tatuagens, parte fundamental para se tornar aprendizes em estúdios profissionais. Para a tatuadora Ana Terra:

“[...] aprendi a tatuar sendo aprendiz em um estúdio de tatuagem, o que era bem comum há 10 anos. Como aprendiz eu montava bancada, limpava o estúdio e aprendia os desenhos que são próprios para tatuar e também como aplicar a tatuagem com profissionais que já trabalhavam na área, sendo que, na época, utilizávamos pele de porco para treinar antes de fazer tatuagens em pele humana.” (GRUPO FOCAL, 2022).

À medida que me interessava pelo conhecimento da tatuagem, havia me tornado aprendiz, realizava estudos de desenhos no papel, e me inspirava nos *flashes* tradicionais americanos pela estética clássica, e pelo estilo do estudo da aplicação. Inspirada pelos desenhos do Sailor Jerry, grande representante da tatuagem moderna, que fundiu o estilo de tatuagem oriental, com as tatuagens ocidentais americanas (GUSSO, 2016). Comecei a elaborar mais desenhos, pinturas, e paralelamente, já com os meus materiais treinei em pele de porco. Na tradição oral, a tatuagem ocidental se desenvolveu por um método de treino que auxilia o aperfeiçoamento da técnica de aplicação de tinta, a pele de porco por muito tempo foi utilizada por ter semelhança com a pele humana. Hoje já existem peles sintéticas, e outros recursos como papel, E.V.A, casca da laranja, limão, entre outros, antes de tatuar diretamente uma pele humana.

Por fim, na época estava treinando nessas superfícies para experimentação, paralelamente com os estudos sobre desenho no papel, logo após comecei a divulgar meus desenhos na Internet, e uma amiga se ofereceu para ser minha primeira cliente. Como afirma Dewey, ao desenvolver experiências reflexivas, ao reestruturá-las para construir um conhecimento na tatuagem, o aprendizado se torna consequência natural da experiência educativa (DEWEY, 1978). A Cooperação do tatuador experiente com o “aprendiz” pode transformar a educação de modo a auxiliar e sanar dúvidas sobre o procedimento, dada a importância sobre o método de aplicação subcutânea de pigmentos ser um procedimento invasivo, a tutela do tatuador experiente pode diminuir maior parte a probabilidade ao erro.

2. OS PARADIGMAS DA TÉCNICA: DO IMAGINÁRIO À PELE.

Teorias sobre a história do ensino da tatuagem, o ato de pigmentar, a observação e a reprodução no aprendizado, enquanto prática presencial, cursos e seus conteúdos são de grande importância para o desenvolvimento da habilidade de um aprendiz. Com o desenvolvimento das técnicas e maior acesso às ferramentas, houve um aumento da procura por pessoas interessadas em tatuar, com isso a mercantilização do conhecimento da tatuagem, o qual, atualmente tem se expandido pelas plataformas digitais. Essa modalidade de ensino tem perspectivas boas e questionáveis perante o desenvolvimento das técnicas de biossegurança, para procedimentos invasivos.

2.1- O PRIMEIRO VOO E O ENFRENTAMENTO DO ABISMO: A PRIMEIRA TATUAGEM

Em suma, cliente que mencionei anteriormente foi a minha primeira tatuagem. Tinha uma expectativa muito alta com relação a esse processo, para o qual havia me preparado bastante: treinado o desenho no E.V.A, para ter mais confiança na hora da aplicação. No momento em que tinha deixado tudo preparado, chamei o tatuador do local onde estava aprendendo, ele falou que precisava sair e que eu conseguiria realizar toda a tatuagem sozinha, porque já havia visto ele tatuar algumas vezes. Criei coragem para realizar a minha primeira tatuagem, como aprendiz, e a minha cliente confiou muito em mim, apoiando-me. Sob um olhar feminista, para hooks (2019, p. 79) a solidariedade sustenta a luta de resistência feminina. Com efeito, a partir da confiança entre mulheres é fortalecido e desenvolvido oportunidades no caminho.

Creio que pela falta de orientação o processo durou mais tempo do que o planejado. Em seguida, expliquei à cliente os cuidados que devem ser tomados para uma boa cicatrização, coloquei plástico sobre a tatuagem e finalizei o procedimento. Ao realizar minha primeira tatuagem em outra pessoa percebi que, de tanto ter observado o processo da tatuagem, eu havia assimilado bastante conhecimento sobre a aplicação das tintas, assepsia, biossegurança e outros. Contudo, após essa tatuagem, percebi que fui ousada e precoce, deveria ter realizado uma tatuagem menor e treinado mais o desenho. Destaca-se aqui, a importância da assistência de uma pessoa com experiência na área, pode-se, a partir da experiência, inferir a

pouca probabilidade ao erro, sendo a tatuagem um procedimento gerado para a formação de uma cicatriz, a partir de métodos invasivos.

2.2. PONTOS, LINHAS E TRAÇOS, BORDANDO O SABER: CONHECIMENTOS NA TATUAGEM, COSTURANDO CAMINHOS NA APRENDIZAGEM.

Desse modo, aprendi a elaborar desenhos para *flashes* menores e fui treinando esse aprendizado no E.V.A. Fiz algumas tatuagens em amigos e logo depois fui convidada a me retirar da loja em que estava, pois, já haviam passado três meses, e o proprietário do espaço não queria gerar um vínculo empregatício. Para Yannoulas (2013)⁴ citada por Oliveira (2013) embora exista um aumento da expressiva feminização do trabalho (aumento de mulheres no mercado de trabalho), são elas que assumem maior parte dos efeitos da reestruturação produtiva, por exemplo, o trabalho em tempo parcial e de caráter temporário, o subemprego e o desemprego. Contudo, nesse período já havia conquistado todo meu material de iniciante, e poderia dar continuidade ao ofício com mais independência.

Procurei alguns estúdios próximos de casa, e recebi vários “nãos”. Então continuei minha jornada em casa. Minha avó me ajudou a comprar uma caixa de agulhas, e acabei realizando cerca de três tatuagens em casa, em específico no meu quarto. Sem um ambiente adequado para o ofício e com as negativas dos espaços formais que havia recebido, começava a desistir da profissão. Cabe destacar que os estúdios que pedi para ser aprendiz, só tinham homens na equipe, durante muito tempo, para Oliveira e Moura (2019) a tatuagem foi um mercado de domínio masculino. Em alguns fui questionada se eu teria as habilidades necessárias para ser tatuadora, com efeito, de acordo com Kergoat (2009, p.67 *apud*. Araújo (2019)⁵ essa narrativa se dá pela desqualificação do trabalho realizado pelas mulheres na esfera produtiva.

No entanto, no fim, acabei encontrando um espaço em que eu conhecia a mãe do dono, ela pediu ao filho para me aceitar como aprendiz no espaço, assim, acabei ficando na vaga de tatuador-aprendiz nesse estúdio. Para hooks (2019) “Um

⁴ YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Editorial Abaré, 2013. 304 p. Disponível em: <http://tedis.unb.br/images/pdf/YannoulasLivroTrabalhadorasFinalCompleto.pdf>.

⁵ Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré e Danièle Senotier (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo** (pp. 67-75), São Paulo: Editora Unesp.

movimento feminista amplamente empenhado na luta contra o sexismo não é sustentável sem uma frente unida - e cabe às mulheres tomarem iniciativa e demonstrarem o poder da solidariedade”. Nesse sentido, no meu primeiro dia no estúdio, conheci outra menina que era tatuadora, Bruna Seabra, que estava saindo do estúdio, e por causa da sua saída, consegui a vaga. Trocamos contato para futuras trocas de experiências.

O proprietário apresentou-me as regras de funcionamento do estabelecimento. Percebi que haviam coisas duvidosas, como o horário de trabalho deveria ser de domingo a domingo, no horário comercial. No domingo eu deveria lavar a loja, nos demais dias, deveria montar todas as bancadas e também recepcionar os clientes dele e dos outros tatuadores residentes. Recebi também a orientação para tatuar mais do que desenhar e, já estava sendo considerada tatuadora profissional (sendo que eu não tinha nem 3 meses tatuando).

Fui ao dia seguinte, e já me deparei com uma cena horrível: o tatuador pediu para eu esticar a pele da cintura de uma mulher que estava em uma sala afastada, ela estava quase nua enquanto ele a tatuava, me senti num açougue, em uma situação asquerosa. Comecei a ficar perplexa com isso, no mesmo dia ele me obrigou a chamar uma cliente para atender, acabei chamando uma amiga e dando a tatuagem de graça a ela, visto que eu estava bem no início e não era fácil ter clientes que confiavam numa aprendiz. Quando ela chegou, já era quase noite, por volta das 18h. Tatuei-lhe a panturrilha, fiz um desenho na hora e falei que seria um estudo, que o dono da loja queria me ver em ação. Ela aceitou e confiou, montei toda a bancada de procedimento e iniciei o processo da tattoo, o passo a passo que eu já havia aprendido. Ela deitou na maca e comecei a tatuá-la, novamente sem auxílio de um profissional qualificado, quando estava próximo de terminar a tatuagem, chamei o tatuador para avaliar como eu estava me saindo. O tatuador veio e elogiou o meu trabalho, em um determinado momento ele passou a mão nas nádegas da minha cliente. Ela estava de costas, vulnerável e na hora eu não soube o que falar, fiquei paralisada, e por dentro comecei a ficar com medo de estar ali. Uma situação clara de assédio no trabalho. Para Dias (2008)

“O assédio sexual corresponde a uma situação em que um comportamento indesejado de carácter sexual se manifesta sob a forma física, verbal ou não verbal, com o objetivo de violar a dignidade da pessoa e de criar um ambiente intimidativo, hostil, humilhante ou ofensivo.² Consiste num comportamento de conotação sexual, não desejado pela destinatária, que

ofende a sua integridade física e moral, o seu desempenho e progresso profissionais, violando o seu direito, constitucionalmente garantido, ao trabalho e ao emprego em igualdade de circunstâncias” (DIAS, 2008, p.12)

Terminei a tatuagem e nunca mais quis pisar naquele local — minha experiência por lá durou 2 dias. A partir do relato de uma das tatuadoras do Grupo Focal e por motivo de sigilo, para preservar a integridade da colaboradora, ocultamos o sujeito do seguinte relato:

“No primeiro estúdio que tentei entrar eu desisti porque o dono estava dando em cima de mim. Já fui assediada por um cliente que tentou enfiar a mão debaixo da minha roupa enquanto tatuava o seu braço e fui abusada por um colega de trabalho em uma festa fora do estúdio, ele atendia no mesmo estúdio que eu e essa foi uma das piores coisas que me aconteceu dentro da profissão pois me rendeu a observação de entender que as pessoas realmente passam pano pra certas situações, por mais tenebrosa e descarada que ela seja. O machismo reflete em qualquer lugar dentro da nossa existência como mulher e infelizmente na tatuagem ainda não é diferente.” (GRUPO FOCAL, 2022)

Outro relato em caráter de sigilo também explana:

“No início tive muitas situações de diversos tatuadores, homens, que tinham postura contra mulheres na tatuagem, já ouvi que tattoo não era para mim e que nunca iria ser bem-sucedida na profissão, sofri assédio em estúdio por ser muito nova, aos 17 anos, e não ter como me defender, senti medo de denunciar”. (GRUPO FOCAL, 2022)

Diante dos fatos, compreende-se a dificuldade em denunciar os casos de violência contra mulher, Dias (2008) em seu livro: *Violência Contra as Mulheres no trabalho*, cita (FITZGERALD, 1993) “Quando as mulheres resistem, rejeitam o assédio sexual e questionam a natureza supostamente “natural” das imposições do gênero masculino é a sua própria credibilidade — não a do abusador ou da organização que permite tais comportamentos — que é colocada em causa e sob suspeita”.

Após esse acontecimento, busquei outras alternativas para continuar minha iniciação na tatuagem, acabei tendo a oportunidade de atuar em um Salão em Águas Claras (DF), de um amigo que me deixou tatuar numa sala apertada, que não cabia a maca aberta, o espaço era muito pequeno, mas suficiente para conseguir realizar tatuagens com mais segurança. No Salão também acabei ficando no máximo uns dois meses, quando consegui juntar dinheiro para investir em mais materiais, como minha própria maca, cadeira e uma mesa de procedimentos.

Enfim, recebi o convite para trabalhar com a Bruna Seabra, que havia aberto um estúdio no centro de Taguatinga (DF), um local próprio para tatuagens. Ela me ajudou muito em relação aos estudos sobre biossegurança e assepsia dos materiais, pois já havia feito um curso na área. Ela era casada com um tatuador profissional de Taguatinga (DF), que a incentivou a tatuar e a ensinou o que havia aprendido com outros tatuadores e com o ambiente de tatuagem. Para Bruna Seabra “ele me incentivou a começar a tatuar, sugeriu *workshops*, cursos de primeiros socorros, microbiologia e biossegurança. (GRUPO FOCAL, 2022)

Então começamos a tatuar juntas nesse local, ela também me incentivou a frequentar cursos para aumentar meus conhecimentos na área da tatuagem, entre eles, o de primeiros socorros, o de biossegurança e de desenho realista. Na tatuagem existem essas formas autônomas de ensino, muitas vezes organizados e realizados pelos próprios tatuadores, sobre as noções de desenho, é possível citar o curso do Charles Laveso, que ministrou um *workshop* voltado para tatuadores sobre desenho realista, já sobre a biossegurança é possível citar o curso desenvolvido pelo Senac que promove a educação presencial e on-line para aperfeiçoamento dos profissionais da saúde sobre os fundamentos técnicos e medidas obrigatórias para a minimização dos riscos físicos, químicos, biológicos e radioativos pertinentes nas atividades. Além de outros cursos em que tatuadores experientes compartilham suas experiências, ajudando no aprimoramento de métodos de desenho, pintura, pigmentação e manutenção de máquinas.

Esses cursos são de extrema importância para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica da tatuagem, uma boa aplicação subcutânea de pigmento tem em sua função epistemológica gravar eternamente a pele. Eu também a incentivava a desenhar e a pintar, pois gostava muito dessa parte do processo, então houve trocas simbólicas de conhecimento, e com isso fui me desenvolvendo cada vez mais na tatuagem. Ainda que não tenha tido um professor formal no processo da tatuagem, fui aprendendo na prática do dia a dia com suporte de colegas que em constante diálogo, dividiram seus conhecimentos e apoiaram uns aos outros. Em certo momento, no estúdio, a proprietária abriu as portas para outras meninas que também procuravam uma chance na tatuagem. Diante da perspectiva feminista a autora, bell hooks (2019, p.156) aborda a necessidade da organização coletiva do grupo de mulheres de uma categoria profissional específica para lutar

pelas melhorias de condições de trabalho. O afincado feminista em repensar a natureza do trabalho, apoiariam as mulheres que trabalham a se impor perante a exploração psicológica. Destacando o valor em diversos trabalhos realizados pelas mulheres, assalariadas ou não, “as ativistas feministas estariam proporcionando conceitos, definições e alternativas para que as mulheres pensassem a si mesmas.”

Diante do cenário de sororidade, em certo momento, éramos sete mulheres trabalhando dentro de um espaço, entre recepcionistas, aprendizes e proprietária. Nesse estúdio tivemos uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento da nossa técnica. Esse momento coincidiu com a minha entrada na faculdade de Artes na Faculdade Dulcina de Moraes (DF). Foi um momento difícil sobre o que eu queria realizar na vida, pois, a minha família também não me apoiava 100% como tatuadora, para eles eu estava praticando um hobby.

Contudo, em outro momento, já com o trabalho tendo um ano e meio de desenvolvimento, fui convidada para atuar em um estúdio no Plano Piloto de Brasília (DF), mais especificamente na Asa Norte, estúdio de um amigo que já era tatuador do estilo *old school*, que já havia viajado para algumas partes do mundo e já tinha alguns anos de trabalho dedicados à tatuagem. Eu acreditava que poderia aprender mais técnicas de desenho, pintura e sobre a história da tatuagem, além de ter ingressado na Universidade Federal de Brasília para cursar Artes Visuais.

Mais precisamente, nessa loja aprendi muito sobre a história da tatuagem tradicional americana, sobre as referências, a linguagem visual da época, o porquê de as linhas serem grossas, as cores sólidas, ou quais eram os tons usado naquele período, o porquê só tinha aquelas gamas de cores, como eram feitas as primeiras tintas. Acredito que nesse lugar eu tenha entendido o que é a tatuagem realmente, pois o que eu estava fazendo antes, pareciam movimentos às cegas, pois as pessoas as quais eu tive a oportunidade, às vezes, também começaram assim nas cegas, e só tinham essa forma de ensinar.

Enquanto aprendiz na tatuagem, o conhecimento alcançado pela convivência no meio físico, com outras tatuadoras, tatuadores e tatuados, foram de grande importância para o progresso da minha formação profissional. A intimidade com a prática do desenho e da pintura foi fundamental, no qual pude criar portfólios para

participar de outros estúdios em busca de mais aprendizados e oportunidade. Teoria e prática andam juntas, assim como a vida e a educação.

O tatuador que ensina os conteúdos aprendidos a outrem, perpetua o conhecimento por meio da educação. Para Dewey (1978, grifo nosso) *comunicação é educação*, e ambos são transformados, de certo modo, com efeito. Para quem recebe a informação é uma experiência nova que transforma a própria natureza e para quem comunica, no entanto, se transforma e pode reformular sua própria experiência.

Então em meio ao caminho do aprendizado na tatuagem, o ambiente de trocas sobre os conteúdos é interligado pela presença, considerando o ato físico de tatuar, como um processo de experiência no qual, *agente* e *situação* influem uma sobre a outra mutuamente, com efeito, a tatuagem não existe sem o tatuador, e a aprendizagem sem o sujeito.

Para quem inicia no mundo da tatuagem, é necessário buscar informações básicas. Com a quantidade de cursos sendo vendidos pela internet, para quem está iniciando pode ser difícil separar os bons conteúdos e os ruins. Muniz (2020) observa que os tratados nas plataformas por autores distintos, são em demasia, específicos nos conteúdos produzidos e não abordam o que é necessário para formar um tatuador consistente, de modo que o aprendiz descapitalizado se aflige para costurar os novos “conhecimentos”.

Com os objetivos de trazer algumas perspectivas críticas sobre a disseminação do ensino virtual da tatuagem para profissionais da área, será questionado o papel da educação formalizada para o ensino da prática virtual, onde a teoria anda junto a prática, ainda sendo realizado em um ambiente próprio. Diante da complexidade da formação de cada tatuador, há benefícios e objeções sobre como o ensino está sendo promovido e mercantilizado, de modo que é difícil fiscalizar a qualidade do ensino e dos procedimentos realizados pelos aprendizes na modalidade virtual. É possível citar o relato da tatuadora Leticia Helena:

“[...] os cursos digitais não trazem dimensão do que a experiência com outro ser humano. Como se pode ensinar alguém a fazer uma cirurgia por vídeo? São fissuras que advém da falta de regularização da profissão. (GRUPO FOCAL, 2022).

Entre os meios didáticos disponíveis como, livros, *workshops*, auxílios de “mestres”, ou na atualidade amplamente disseminado, o modelo virtual de ensino da tatuagem nas plataformas digitais, realizados por meios privados, alguns ao findar o curso, garantem certificados para formar tatuadores profissionais (mesmo sem comprovar a qualidade do aprendizado), ou outros meios como o Youtube, Instagram e outros sítios virtuais.

Nashari alega:

“Percebo que tatuadores completamente inexperientes e incapacitados para ensinar, oferecem cursos on-line. Eu me pergunto como? [...]. Sem nem saber tatuar direito para si, quem dirá ensinar? E isso me faz acreditar que tenha chegado a hora de haver alguma forma de regularização do ensino do Ofício tatuador. Para que haja uma forma mais correta e planejada para melhor e capacitar esses futuros profissionais. É uma profissão imensamente complexa, existe uma gama de conhecimento, histórias, mitologias, etnias, escolas, vivências práticas, habilidades que você precisa aprimorar para conseguir se tornar um profissional mais completo.” (GRUPO FOCAL, 2022)

Em virtude da ampla disseminação e procura pelo mercado da tatuagem, haveria uma necessidade para a formalização do ensino na plataforma virtual? Visto que a tatuagem é uma profissão reconhecida como autônoma, o caminho da aprendizagem perpassa a pedagogia da autonomia com a construção do próprio repertório de pesquisa. Compreender o ensino pelo olhar da presença, da troca, do suporte e pelos estudos teóricos e práticos em paralelo para desenvolver bases a partir de correntes históricas originárias, do fazer artesanal. Pois a prática sem o conhecimento teórico no contexto da tatuagem, culminam na saturação do ofício, e na desvalorização do trabalho artístico, tornando a tatuagem uma arte meramente estética, sem valor de significados, como é possível analisar no relato da tatuadora Leticia Helena

“[...] acredito que esse ensino mais artesanal, de fato é um caminho para que a tatuagem retome uma base de maior conexão com o corpo, e permeie seus espaços marginais de origem. Aprender as técnicas, sem contexto, história, sem esse transpassar cultural, é o que tem lançado o corpo nessa face meramente estética e esvaziada de sentidos” (GRUPO FOCAL, 2022)

Diante dos relatos aqui apresentados, outros concordam com o ensino pelas plataformas, mas como um curso complementar a experiência presencial. Declara Bruna Seabra:

“Sou a favor da formalização da profissão e da capacitação do profissional da tatuagem em atividades presenciais, no âmbito digital há alguns assuntos que podem ser abordados de forma superficial. Há algumas formas de

melhorar como tatuador por fora da tatuagem, estudando artes visuais, Design Gráfico e outras tecnologias podem sim auxiliar em ser um profissional com base, a tatuagem é uma técnica antiga artesanal, mas com avanço da tecnologia mudou, não há motivo para não acompanhar essa mudança, com respeito a história e estudo acredito que há maneiras de formalizar o ensino da tatuagem.” (GRUPO FOCAL, 2022)

Para a tatuadora Keth Krueguer:

“Uma formalização no ensino eu acredito que possível seria, porém eu não imagino como poderia acontecer. Até mesmo *pq* estamos falando de arte e padronizar técnicas me parece muito complexo. A internet difundiu uma possibilidade em que todos podem fazer tudo e eu acredito nisso também. Como em qualquer outra área, existem excelentes profissionais e existem os charlatões. Aí cabe a cada um discernir o melhor caminho para dar os primeiros passos dentro da área que escolhe seguir.” (GRUPO FOCAL, 2022).

Concluindo sobre as perspectivas analisadas, compreendemos a complexidade da formação do caminho, o qual a aprendiz se desenvolve até virar uma tatuadora profissional, o fazer artesanal, as teorias e as escolas do saber tradicional, aliados aos cursos que ampliam a gama do conhecimento, e infelizmente, as opressões sofridas dentro e fora do ambiente da tatuagem, foi um dos pilares para a construção da pesquisa e que tem como objetivo elencar os fatores envolvidos na construção do conhecimento, e na luta e resistência do gênero feminino diante do mercado de trabalho.

Desta, é possível perceber pelas falas das participantes que o espaço do ensino-aprendizado da tatuagem ainda há um longo caminho a percorrer, principalmente ao que se refere da presença feminina em um espaço majoritariamente masculino. Além das quebras de padrões, preconceitos estruturalizados na raiz da sociedade, percebe-se pelo relato das participantes a forte presença do poder da linguagem na perpetuação dos preconceitos de gênero, quando não lhes são oferecidas as mesmas oportunidades que seus pares masculinos, preconceito esse que se perpetua há gerações, principalmente por meio dos discursos e piadas que menosprezam a força feminina na sociedade e mercado de trabalho.

Assim, buscamos fortalecer a história imaterial da tatuagem em Brasília, realizada por mulheres e contribuindo com nuances sobre as bases do ensino e aprendizagem no modelo presencial, e virtual, expondo benefícios e malefícios desse método de ensino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de extrema importância o debate sobre como a tatuagem vem se desenvolvendo na sociedade desde sua origem tribal e ritualística até a estigmatização na história da humanidade, em concepções associadas à marginalização do corpo. Como o ato de tatuar foi, e, é perpetuado de forma clandestina, ou oculta, firmando ainda mais o estigma dos mesmos durante gerações. Assim, a emancipação da tatuagem como identidade cultural e a representatividade de outras mulheres tatuadoras é necessária. As escolas dentro da tatuagem, o caminho da aprendizagem das técnicas, as barreiras relacionadas à diferença sexista dentro do ambiente/estúdio profissional e a resistência em perpetuar o ato da pigmentação da pele na contemporaneidade são pontos que ainda precisam ser debatidos e discutidos para que as diferenças entre homens e mulheres na área sejam dirimidas. Os paradigmas dos novos meios de ensino da tatuagem, ambientes virtuais, *workshops*, convenções, os lados positivos e negativos também são pontos que precisam serem debatidos entre a comunidade.

A partir das análises realizadas no Grupo focal (Apêndice A) pela fala das participantes da pesquisa, é possível reiterar sobre o conceito reconstrução da experiência Dewey (1978) a experiência educativa toda vez que for reflexiva, se atentarmos no antes e depois do seu processo, a aprendizagem de novos conhecimentos será um dos seus resultados naturais. Para ele, a educação é um fenômeno inseparável da própria vida. Para Freire (2018, p.105) a autonomia constitui na experiência de inúmeras decisões que são tomadas, para o autor: “A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”. Nesse sentido, uma pedagogia da autonomia deve estar focalizada nas experiências estimuladoras da decisão, da responsabilidade e do respeito à liberdade.

Por fim, o aprendiz constrói seu próprio aprendizado a partir das escolas estéticas de seu interesse, cria uma relação íntima com o desenvolvimento da técnica, e o ensino, a partir de experiências didáticas proporcionadas pela presença e o contato com a tatuagem. A inserção das tatuadoras no mercado de tatuagem, mesmo sendo considerado um período recente, trouxera inúmeras mulheres referências por lutarem, estudaram, e transgrediram os preconceitos sociais, em torno da tatuagem, e em torno da mulher tatuada e tatuadora.

Diante as análises sobre as narrativas, a perspectiva da segregação social e as violências vivenciadas por mulheres diante a discriminação da condição de gênero, ainda pertinentes no século XXI, seria necessário uma proposição e reformulação de “[...]políticas públicas transversais, afirmativas e sensíveis às desigualdades de gênero pode contribuir à garantia de direitos e ao empoderamento das mulheres.” Narvaz e Koller (2006, p.53).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Mileane Andrade; DE SOUSA, Luciano Dias. Empoderamento como representatividade das mulheres na sociedade. **Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião**, v. 5, n. 1, p. 170-178, 2019.

AZEVEDO OLIVEIRA, Renata Couto de; MOURA, Renan Gomes de. Profissão: Tatuadora–Mulheres trabalhadoras em um mundo (e mercado) eminentemente masculino. **Revista Parajás**, v. 2, n. 1, p. 56-70, 2022.

BARBOSA, Ana Mae. Arte, educação e cultura. **Revista Textos do Brasil: educação para um desenvolvimento humano e social no Brasil, Itamaraty, Departamento Cultural**, v. 7, 2018. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de lei nº 4.298, de 8 de agosto de 2012**. Proíbe a aplicação de tatuagens e adornos, na forma que especifica. Brasília: Coordenação de Comissões Permanentes, ano 2012, p. 1-5, 8 ago. 2012. Acesso em: 4 abr. 2022.

CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 9-35, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-5943200600010003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 mar. 2022

COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria B. **O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

DEWEY, John. **Vida e educação: I. A criança e o programa escolar II**. Interesse e esforço. Tradução e estudo preliminar por Anísio S. Teixeira. 10ª Ed. São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

DIAS, Isabel. **Violência Contra as Mulheres no Trabalho: o caso do assédio sexual**. 2008. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1201>. Acesso em: 22 abr. de 2022.

DOMINGOS, Selisvane Ribeiro da Fonseca; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa. O aborto como causa de mortalidade materna: um pensar para o cuidado de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 14, p. 177-181, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/wQ3LCGPqXPjsLg8RdtPbWHx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2022.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes. Disponível em: http://www3.uma.pt/dmfe/DONDIS_Sintaxe_da_Linguagem_Visual.pdf. Acesso em: 02 abr. 2022.

FERRARI, Rosana. **O Empoderamento da Mulher**. Disponível em: <http://www.intercef.com.br/artigos.php>. Acesso em: 05 abr. 2022.

FERREIRA PIRES, Beatriz. **O corpo com suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. 1ª. ed. São Paulo: Senac, 2005.

FERREIRA, V. S. Entre as Belas-Artes e as artes de tatuar: novos itinerários de inserção profissional de jovens tatuadores em Portugal. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 37, pg. 79-106, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2015. v. 57.

GUI, Roque Tadeu. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **Revista Psicologia: organizações e trabalho**, v. 3, n. 1, p. 135-159, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7071>. Acesso em: 05 mar. 2022.

GUSSO, Francisco Benvenuto. **A Tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade**. *Revista Vernáculo*, [S.l.], fev. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/38520>. Acesso em: 29 de abril 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo Martins Fontes, 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf.

HOOKS, bell **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JEHA, Silvana. **Uma história da tatuagem no Brasil: do século XIX à década de 1970**. Veneta, 2019.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. 1ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2019. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/07/criacao-patriarcado.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, R. A. M. M. Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar. **Goiânia: Espaço Acadêmico**, 2018.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura do mundo: Resposta a uma sociedade desorientada**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo Editora: Companhia das letras, 2011.

LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; NETO, Alfredo Cataldo. Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, v. 2, n. 3, p. 294-316, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro** - Petrópolis, RJ, Vozes, p. 14-36, 1997.

MELO, Luana Vicente Olímpia de. **Design na pele. Caruaru: O Autor**, p. 37 2017. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/31932>. Acesso em: 25 abr. 2022.

MIFFLIN, Margot. **Bodies of subversion**. Powerhouse Books, p. 30-32, 2013.

MUNIZ DE SOUZA LIMA, Rodrigo. **Tatuagem: história e contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Desenho) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44715>. Acesso em: 8 ago. 2021.

Narvaz, M.G.; Koller, S.H. “Famílias e Patriarcado: da Prescrição Normativa à Subversão Criativa. *Revista Psicologia & Sociedade*; 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkBBDpL4Xn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2022.

OLIVEIRA, Talita Santos de; YANNOULAS, Silvia Cristina. Qualificação profissional de mulheres para a indústria da construção civil: entre o enfrentamento e a reprodução da divisão sexual do trabalho. In: LUZ, Nanci Stancki da; CASAGRANDE, Lindamir Saete (Org.). **Entrelaçando gênero e diversidade: matizes da divisão sexual do trabalho**. Curitiba: UTFPR Editora, 2016. p. 195-228. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2068>. Acesso em 05 abr. 2022.

OSÓRIO, Andréa Barbosa. **O Gênero da Tatuagem**: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado - Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Rio de Janeiro, 2006.

OSÓRIO, Andréa Barbosa. O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 3, n. 2, p. 72-82, 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17149/12606>. Acesso em 24 mar. 2022.

PEIXOTO, Flavia *et al.* **Caminhos da Reportagem, Minha pele: Território de expressão**. Youtube, 6 de maio de 2016. 1 vídeo (58 min.). Disponível em: <https://youtu.be/JP6glGKiJMY>. Acesso em: 25 abr. 2022.

PÉREZ, Andrea Lissett. **A Identidade à Flor Da Pele: Etnografia Da Prática Da Tatuagem Na Contemporaneidade**. Mana, RJ, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/FrNcPbPJ5TGxVPZCMY9mVHC/?lang=pt>. Acesso em: 23 de mar. 2022.

PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, v. 12, n. 1, p. 179-206, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/FrNcPbPJ5TGxVPZCMY9mVHC/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2022.

ROCHA, Maria Clara Arraes Peixoto; OLIVEIRA, Maria Luiza Bezerra. Sororidade na praça: educação, movimento sociais e direitos fundamentais no piquenique feminista. **Revista Juris UniToledo**, Araçatuba, SP, v. 04, ed. 02, p. 70-82, 2019. Disponível em: <http://ojs.toledo.br/index.php/direito/article/viewFile/3122/453>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SAD, Breno Bitarello. **A tatuagem como processo**. Tese (Doutorado - Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

SILVA, Josie A. P. da; NEVES, Marcos C. D. Arte e ciência: possibilidades de reaproximações na contemporaneidade. **Revista Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Porto Alegre, v. 40, n. 6, junho, 2015, p. 423-432. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/ensino/article/view/3283>. Acesso em: 05 abr. 2022.

WOLFF, T. C. A luta por sororidade: União feminina e uma experiência militante na palhaçaria. **Revista Arte da Cena (Art on Stage)**, Goiânia, v. 6, n. 1, 2020.

Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/61179>. Acesso em: 04 abr. 2022

APÊNDICE A – RELATO NA ÍNTEGRA DO GRUPO FOCAL COM AS TATUADORAS

Colocando em questão as respostas de cinco tatuadoras de Brasília sobre a vivência como mulher e a inserção na área da tatuagem como profissional, referências, entender como funciona o método de ensino da tatuagem, verificar os fatos sobre a construção do conhecimento, e a importância dos meios de ensino, cursos, *workshops*, ensino em plataformas digitais, entre outras formas de ensino e propagação da técnica, foi realizado um Grupo Focal on-line, para coleta de respostas a perguntas criadas a partir do problema central da pesquisa: desenvolvimento da técnica e dificuldades enfrentadas pelo gênero feminino na tatuagem.

PERGUNTAS GERAIS E ABERTAS:

1. Em qual contexto surgiu o seu interesse pela tatuagem?
2. Como aprendeu a tatuar?
3. Quais as condições foram feitas as primeiras tatuagens?
4. Enquanto mulher quais as dificuldades na profissão? Já vivenciaram situações de machismo. Se sim, quais?
5. Houve uma grande disseminação do “conhecimento” das técnicas da tatuagem, e com isso aumentou a quantidade de pessoas interessadas na área. Com o advento das redes sociais, é possível observar pessoas vendendo cursos para iniciantes pelas plataformas digitais. Qual a sua opinião sobre o ensino da tatuagem por meio de plataformas virtuais? Poderia existir uma formalização do ensino da tatuagem?

(1) Em qual contexto surgiu o seu interesse pela tatuagem?

As participantes relatam seu contato inicial com a tatuagem durante a adolescência, podendo ser vista de várias perspectivas, relacionando a introdução pela estética do desenho, quanto pelo ato de tatuar.

Para a tatuadora **Ana Terra**: “Meu interesse pela tatuagem surgiu quando eu era adolescente, na minha família tem 3 tatuadores e eu os admirava muito, tanto por fazerem pinturas relacionadas à tatuagem quanto pela própria arte de tatuar.”

Para as tatuadoras **Leticia Helena** e **Bruna Seabra** o blog Tumblr na plataforma digital trouxe grandes referências estéticas no campo da modificação corporal, a qual foi uma das fontes de interesse pela tatuagem.

Para a tatuadora **Keth Krueger** “Meu interesse por tatuagem surgiu junto com meu interesse na vida circense, isso na minha adolescência, mas não imaginava que poderia vir a ser tatuadora, já que venho de uma família militarizada e extremamente religiosa, [...] mesmo assim, comecei a pintar aos 7 anos dentro da igreja. E só saí de certas caixas quando me dediquei a viver exclusivamente de arte, lá pelos meus 25 anos”.

Para a tatuadora **Nashari**: “Meu interesse pela tatuagem surgiu em 2005, quando conheci um casal de amigos[...] Ela desenhava muito, e ele era *bodypiercing*. Mostrei meu portfólio para eles e eles me incentivaram muito a ser tatuadora. No início fiquei perplexa, pois tatuagem era um tabu para mim, que não tinha nenhuma tatuagem. [...] essa ideia ficou na minha cabeça, reverberando dia após dia e me apaixonava pela ideia de utilizar a pele como suporte para as minhas criações”.

(2) Como aprendeu a tatuar?

É abordado sobre os conteúdos do aprendizado, na tatuagem enquanto aprendiz, quais os métodos da aquisição do conhecimento:

Para **Leticia Helena**: “Já desenhava tatuagens há muitos anos quando decidi que queria aprender a tatuar. A maior parte dos lugares que pedi oportunidade em Brasília não me deu suporte. A tatuagem aparentava um espaço fechado no qual você precisava estabelecer algum tipo de vínculo, amizade com as lojas pra surgir a oportunidade. Juntei a grana do meu primeiro estágio como design pra comprar o material por conta própria, (depois de já estar cursando artes visuais na UnB), e entrei em contato com um amigo de Nova Friburgo (RJ) que já tatuava há cerca de 3 anos. Ele e o estúdio me acolheram de braços abertos, viajei até o interior e fiquei em residência lá por cerca de um mês aprendendo o básico do ofício”.

Para **Keth Krueger**: “Comecei a estudar com 25 anos, já tinha algumas várias tatuagens e conhecia alguns estúdios e as condições para entrar como aprendiz não eram tão interessantes, dado ao fato que eu queria alguém que realmente se dedicasse a me ensinar, então paguei um curso em São Paulo e morei

lá por três meses para estudar técnicas básicas, montagens de maquinário e fiz também um curso de primeiros socorros e biossegurança voltado para nossa área, especificamente, mas que também abrange outras coisas.”.

Para **Ana Terra**: “Eu aprendi a tatuar sendo aprendiz em um estúdio de tatuagem, o que era bem comum há 10 anos atrás. Como aprendiz eu montava bancada, limpava o estúdio e aprendia os desenhos que são próprios para tatuar e também como aplicar a tatuagem com profissionais que já trabalhavam na área, sendo que, na época, utilizávamos pele de porco para treinar antes de fazer tatuagens em pele humana.”

Para **Bruna Seabra**: “Meu primeiro contato com tatuagem foi em 2011 no estúdio [...] eu ainda adolescente ia de curiosidade, ficava na loja vendo as revistas de *tattoo* e acompanhando o trabalho. Depois conheci o André Graffiti e ele me incentivou a começar a tatuar, sugeriu *workshops*, cursos de primeiros socorros, microbiologia e biossegurança. Fui aprendiz do Japa The Pride tattoo no ano de 2013, em 2014 comecei meu primeiro estúdio [...] em Taguatinga. Após esse período, comecei a ajudar mulheres que tinham vontade de tatuar, no meu estúdio já trabalhei com muitas mulheres, acredito que esse seja um caminho para amenizar o fator de possíveis assédios na profissão.”

Para **Nashari**: “[...] investi em fazer tatuagens de henna, já que não tinha mais equipamento e nem apoio familiar. [...] Quando completei 18, peguei a grana que consegui juntar trabalhando com henna, e comprei meu equipamento.

Foi quando finalmente consegui entrar no primeiro estúdio. Onde eu fazia tudo que supostamente um aprendiz precisava fazer naquela época. Mas o tatuador que dizia querer me ensinar e ajudar, só me tesourava e atrasava, e não ensinava nada, *pq* na verdade acho que nem ele sabia.”.

Parte da resposta (1) “Era tudo mais difícil. Não existiam agulhas prontas. Nós mesmo tínhamos que comprar o lote de agulhas, as hastes, o ferro de solda, o ácido, gabarito, linha e aprender a soldar as agulhas. Ou seja, tinha que ter habilidade nisso *tb*, se não, a tatuagem ficaria prejudicada.

Não havia biqueiras descartáveis, eram todas de aço. Tinham que ser colocadas de molho após o uso, em seguida no ultrassom, depois esfregadas uma a uma com várias escovinhas de diferentes alcances, depois de escovar, enxaguar e

secar, tinha que embalar uma a uma e colocar na autoclave. Fora a manutenção desses aparelhos, que devia ser feitos testes de tempos em tempos. Geralmente todo esse processo era feito pelo aprendiz do estúdio, quando havia um. Que no caso eu fiz por alguns anos.”

“[...] comecei a cursar Artes Visuais na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, aos 19 anos, onde conheci novos tatuadores [...]” “A princípio, logo que comecei a cursar a faculdade, entrei como aprendiz para um estúdio onde havia tatuadores bem experientes, que me ajudaram bastante no caminho. No entanto, a verdade é que nunca existiu na minha trajetória, um tatuador que falasse claramente sobre técnicas, materiais e tudo mais. Era meio que um mistério que o aprendiz ia desvendando de acordo com seu próprio interesse.”

Para **Medusa**: “Não existia agulhas, máquinas etc, no Brasil. Eu “esmerilhava” uma por uma das agulhas número 12 da corrente, e depois enrolava com linha, depois apareceram as máquinas, as agulhas soltas e as hastes, tínhamos que soldar as agulhas nas hastes.”

(3) Quais as condições foram feitas as primeiras tatuagens?

É um complemento da pergunta anterior, aqui entendemos as questões de biossegurança e cuidados com a saúde, a tatuagem como um método invasivo, necessita de cuidados com assepsia e higiene, e cuidados com os materiais e o ambiente que será realizado o procedimento.

Para **Ana Terra**: “Minhas primeiras tatuagens foram feitas em pele de porco, dentro de um estúdio de tatuagem com todo apoio e supervisão de quem atuava na área, claro que, como qualquer habilidade, eu fui desenvolvendo aos poucos e tentando melhorar a cada dia.”

Para **Bruna Seabra**: “Minhas primeiras tatuagens foram feitas em casa em ambiente insalubre, quando tive oportunidade no estúdio The Pride Tattoo. comecei a atender em estúdio após me sentir segura na loja.”

Para **Letícia Helena**: “A primeira tatuagem foi feita [...], no meu ex-namorado. [...], numa galeria recém-inaugurada em Brasília, tatuando em cima de cadeiras feitas de pallets, sem muita assepsia e sem orientação. Foi quando eu percebi que não daria conta de aprender o ofício sem suporte e esperei ter maiores condições para investir no meu estudo.”

Para **Keth Kruger**: “Minhas duas primeiras tatuagens fiz em São Paulo, com uma moça que encontrei em um grupo de Facebook, tatuei no estúdio que em que estava estudando na época e logo depois voltei pra casa e montei um ateliê no meu quarto, na Ceilândia. Minha terceira tatuagem fiz em mim mesma e daí comecei a tatuar meus amigos e pessoas próximas, cobrando valores simbólicos, pois o foco é aprimorar minha técnica”

Para **Nashari**: “[...] tive a oportunidade de ter acesso à uma máquina, feita pelo Jabá. Sabendo que jamais a minha família materna me ajudaria nesse sentido. Pois nessa época, a profissão ainda era mal vista e não dava muito retorno financeiro. Pedir apoio para o meu pai, era a única possibilidade, já que ele era mais liberal, e era supertalento e artista. E eu me perguntava, quem vai querer ajudar e ensinar ou confiar a pele a uma garota de 16 anos? [...] meu pai me levou a um estúdio de um tatuador, que era seu amigo, e pediu pra que ele me ensinasse a montar a máquina e ceder um espaço, com o estúdio fechado, para eu poder tatuá-lo. Vibrei de emoção e nervosismo. O desenho escolhido foi um pássaro branco de um quadro pintado por ele, que adaptei com um cocar indígena e um sol. Bem ousada! [...]. E fizemos bem, para uma primeira tattoo. Mas hoje sei que só consegui esse espaço, graças a companhia e ao pedido de um homem. Se fosse uma garota, nessa época, não teria rolado. Certeza.”

(4) Enquanto mulher quais as dificuldades na profissão? Já vivenciaram situações de machismo. Se sim quais?

Em prol da preservação da identidade das tatuadoras, as falas serão citadas de forma aleatória, e de maneira anônima. Essa parte da pesquisa do Grupo Focal é de interesse estrutural para a relação da pesquisa sobre as questões da opressão contra a mulher em forma de violência sexista, atrapalhando o ensino e aprendizagem da técnica. Infelizmente, há abusos praticados por homens.

Para **@1**: “No início tive muitas situações de diversos tatuadores homens que tinham postura contra mulheres na tatuagem, já ouvi que *tattoo* não era para mim e que nunca iria ser bem sucedida na profissão, sofri assédio em estúdio por ser muito nova, aos 17 anos, e não ter como me defender, senti medo de denunciar.”

Para outra **@2**: “A parte chata de ser um mundo tão fechado na época, é que haviam poucas pessoas com quem se podia contar.” “[...] Então, muitas vezes, para

aprender e estar perto de quem sabe, eu ouvia coisas e brincadeiras chatas e desconfortáveis, piadas machistas, sexistas. E por ser minoria, preferia deixar passar, às vezes falava, às vezes ficava cansada.”

“[...] percebi que com o passar do tempo quando outras mulheres começaram a se interessar e aprender a tatuar, os tatuadores ficavam minando, comparando uma com a outra. Até que, comecei a questionar porque eles comparavam os trabalhos das tatuadoras como se fossem rivais e concorrentes. Sendo que o trabalho era feito pelo tatuador e sua habilidade, e não por sua genitália. E se achavam que eu era concorrente delas, era melhor que eles ficassem espertos, porque na verdade, meu trabalho já estava concorrendo bem com o deles. Histórias de tatuadores que praticavam abusos com clientes, já ouvi inúmeras. Infelizmente.”

Uma situação onde um casal entrou no estúdio, eu os atendi, passei os valores e tudo, fiz o desenho na mesma hora e quando falei que ia montar tudo para começar a tatuagem, o cliente falou que queria um tatuador homem pra tatuar a esposa dele, que não confiava em uma mulher pra fazer a tatuagem dela.”

Para @3: “No primeiro estúdio que tentei entrar eu desisti pq o dono estava dando em cima de mim. Já fui assediada por um cliente que tentou enfiar a mão debaixo da minha roupa enquanto tatuava o seu braço e fui abusada por um colega de trabalho em uma festa fora do estúdio, ele atendia no mesmo estúdio que eu e essa foi uma das piores coisas que me aconteceu dentro da profissão, pois me rendeu a observação de entender que as pessoas realmente passam pano pra certas situações, por mais tenebrosa e descarada que ela seja. O machismo reflete em qualquer lugar dentro da nossa existência como mulher e infelizmente na tatuagem ainda não é diferente. “

Para @4: A maior dificuldade é perceber que os caminhos são mais abertos para homens. No geral, são mais procurados dentro da profissão, mais respeitados e ganham mais. Aos poucos isso tem se revertido, é nítido. No início era mais difícil ver mulheres administrando lojas, [...]. A maior parte das oportunidades estavam nos ambientes masculinos, onde em constância os comentários eram de que a responsabilidade com a tatuagem era grande e difícil de dar conta”.

Para @5: “As maiores dificuldades que eu já enfrentei sendo mulher e tatuadora foi sempre ter que “convencer” a maioria das pessoas que eu sou capaz

de fazer o que eu faço [...]. A maioria dos estúdios que eu trabalhei eram compostos por homens, então sempre me senti como minoria. Ao mesmo tempo, por fazer um estilo mais marcado (*Old School*) [...] eu sentia que as pessoas não davam tanta credibilidade quanto mulheres que fazem tatuagens delicadas, porque as pessoas associam o feminino à delicadeza, e não a tatuagens mais elaboradas.

Já vivenciei diversas situações de machismo no meio da tatuagem, uma das mais marcantes foi trabalhar [...] dentro do shopping [...] era um estúdio de tatuagem que funcionava no horário do shopping [...]. O meu atendimento sempre foi desenvolver o desenho para a pessoa a partir da ideia dela, [...]. Na maioria das vezes eu recebia uma resposta como "beleza, gostei muito do desenho e concordo com o orçamento, mas cadê o tatuador?" [...] Passado os 2 meses eu desisti de tentar atender ali e indiquei o Fabrício (nome fictício) para que me substituísse [...], reparei que desde o primeiro dia ali ele tatuou vários clientes que chegavam lá. [...] Fabrício tinha menos experiência que eu, e sempre deixava para fazer o desenho de última hora, além de chegar atrasado e esquecer horários marcados e, muitas das vezes, não sabia o que estava fazendo, como quem não tem responsabilidade e mesmo assim tinha mais "sucesso" do que eu. Foi aí que me dei conta que era por eu ser mulher e desde então tenho a consciência que ser mulher é: fazer o dobro para receber metade.

(5) Houve uma grande disseminação do “conhecimento” das técnicas da tatuagem, e com isso aumentou a quantidade de pessoas interessadas na área. Com o advento das redes sociais, é possível observar pessoas vendendo cursos para iniciantes, pelas plataformas digitais. Qual a sua opinião sobre o ensino da tatuagem na plataforma virtual? Poderia existir uma formalização do ensino da tatuagem?

O assunto da última pergunta está investigando as motivações do ensino da tatuagem como prática não formal de ensino, como ela se desenvolve e se perpetua por gerações, quais os conteúdos aprendidos. A formalização do ensino da tatuagem, e considerações e críticas sobre as possibilidades da educação virtual de tatuadores.

Para **Nashari** “Eu estou amando ver novas pessoas no ofício, diferentes artistas geniais e acompanhar esse processo onde a profissão se tornou mais

acessível e democrática. Inúmeros estilos exclusivos e lindos apareceram, apesar de ser seletiva em relação ao meu gosto pessoal por estilos. Mas no geral, aprecio toda tatuagem bem feita e com bons resultados.

Mas [...] percebo que tatuadores completamente inexperientes e incapacitados para ensinar, oferecem cursos on-line. Eu me pergunto como? Como o ser, tem coragem de se colocar no lugar de mestre sem saber nem uma nota do concerto. Sem nem saber tatuar direito para si, quem dirá ensinar?

E isso me faz acreditar que tenha chegado a hora de haver alguma forma de regularização do ensino do Ofício tatuador. Para que haja uma forma mais correta e planejada para melhor e capacitar esses futuros profissionais.

É uma profissão imensamente complexa, existe uma gama de conhecimento, histórias, mitologias, etnias, escolas, vivências práticas, habilidades que você precisa aprimorar para conseguir se tornar um profissional mais completo.

E percebo que hoje os interessados pelo ofício, por haver essa opção mais fácil e palpável de aprender on-line, vão procurar cada vez menos estúdios para serem aprendizes.

Se eu trocaria uma experiência pela outra? Não. *Pq* pra mim foi imensamente enriquecedora, não somente aprender algumas técnicas ali, mas experienciar inúmeros estúdios, formas de trabalho, atendimento, sacadas, histórias intrigantes, diversão, amizade... me sinto feliz no final das contas por ter aprendido nesse corre, mas entendo que tudo evoluiu e as situações evoluem juntas. E temos que nos adaptar ao mundo que está girando.

Parar, observar num olhar aquilo que é apresentado da maneira como existe e lembrar que forma e conteúdo, o que se diz e a maneira pela qual se diz, não poderia existir separadamente.

É impossível separar as coisas de sua maneira de aparecer, pois a significação não é livre, mas ligada e escrava de todos os signos e detalhes que se manifestam para o receptor. Tatuar em si, é até tranquilo em vista da complexidade do todo.”

Para **Keth Krueger**: “Uma formalização no ensino eu acredito que possível seria, porém eu não imagino como poderia acontecer. Até mesmo *pq* estamos

falando de arte e padronizar técnicas me parece muito complexo. A internet difundiu uma possibilidade em que todos podem fazer tudo e eu acredito nisso também. Como em qualquer outra área, existem excelentes profissionais e existem os charlatões. Aí cabe a cada um discernir o melhor caminho para dar os primeiros passos dentro da área que escolhe seguir”.

Para **Leticia Helena**: “É difícil pra mim um cenário onde haja uma formalização do ensino, já que não há nem uma formalização da profissão. Como formalizar um ensino se a nem a profissão é regular? É como querer construir algo em cima de um terreno movediço. Os cursos digitais não trazem dimensão do que a experiência com outro ser humano. Como se pode ensinar alguém a fazer uma cirurgia por vídeo? São fissuras que advém da falta de regularização da profissão. Apesar disso, a tatuagem desde os primórdios tem sido um fazer artesanal, geralmente passado por gerações, a pessoas nas quais você confia. Pode soar meio poético, mas acredito que esse ensino mais artesanal, de fato é um caminho para que a tatuagem retome uma base de maior conexão com o corpo, e permeie seus espaços marginais de origem. Apreender as técnicas, sem contexto, história, sem esse transpassar cultural, é o que tem lançado o corpo nessa face meramente estética e esvaziada de sentidos. Não é que haja problema na utilização do corpo enquanto vitrine, o problema se dá quando essa espetacularização da sociedade e o consumo exacerbado, acaba por sustentar formas doentias e insustentáveis de se viver na própria pele”.

Para **Bruna Seabra**: “Sou a favor da formalização da profissão e da capacitação do profissional da tatuagem em atividades presenciais, no âmbito digital a alguns assuntos que podem ser abordados de forma superficial. Há algumas formas de melhorar como tatuador por fora da tatuagem, estudando artes visuais, Design Gráfico e outras tecnologias podem sim auxiliar em ser um profissional com base, a tatuagem é uma técnica antiga artesanal, mas com avanço da tecnologia mudou, não há motivo para não acompanhar essa mudança, com respeito a história e ao estudo acredito que há maneiras de formalizar o ensino da tatuagem”.

Para **Ana Terra**: “Eu sou uma grande adepta a cursos on-line, já comprei diversos cursos de pintura e técnicas que agregam o meu trabalho, mas discordo muito de como é vendido o curso de tatuagem. Acredito que teria que ser um *workshop* para cada técnica e existem muitas e muitas variedades tanto de estilo de

tatuagem quanto técnicas de aplicação, para cada estilo existe uma técnica. Assim como em um curso de artes: não se ensina a ser um artista e sim técnicas. Acredito que a tatuagem siga a mesma linha de raciocínio, podendo assim ser dividida em várias matérias dentro de um mesmo curso. Tatuagem é um eterno estudo”.

“[...] achei muito incrível a história de cada uma de vocês, especialmente a da @Nashari que eu já acompanho e admiro de longe o trabalho desde que comecei a tatuar e foi interessante saber por ela mesma como foi todo processo e a da @Bruna Seabra que, inclusive, na sua história fiz parte desse processo, onde fui acolhida como uma tatuadora iniciante e graças à essa oportunidade tive o privilégio de no meu primeiro contato com tatuagem fazer do jeito certo, com ela me orientando e aprendendo junto com a @Beatriz Araújo, e graças a ela estou dando meu relato por meio desse grupo. [...] eu quis resumir tanto para ter que citar coisas ruins que aconteceram ao longo do meu aprendizado, acabei deixando de falar de pessoas que deixaram de me dar oportunidade tanto quanto pessoas que me deram também ótimas oportunidades, como foi o caso do primeiro estúdio da @Bruna Seabra que eu fiz parte [...] fui acolhida por mulheres da área que sofreram machismo dentro da profissão antes de mim e entendem como é ser minoria no meio da profissão”.

APÊNDICE B – GLOSSÁRIO

Agulhas: microagulhas de aço soldadas, com haste longa para encaixe na mola traseira da máquina de bobina. As agulhas podem ser para traço ou pintura e se dividem em várias especificações que determinam o formato da linha ou da sombra. Exemplo: RL - *Round Liner*: são agulhas com a ponta mais fechada, geralmente usadas para traço, outra é a RS - *Round Shader*: agulhas com solda mais aberta, podendo ser usada para pequenos preenchimentos ou para traços mais grossos, é conhecida também como bucha.

Bancada: Mesa onde ficam dispostos os materiais, todos os itens precisam estar plastificados e esterilizados.

Biqueira: base ao redor da agulha, podendo ser de aço ou de plástico.

Flashes: Desenho de estudo para portfólio, geralmente pequenos ou de tamanhos médios (5cm a 15cm) realizado pelos tatuadores aprendizes e profissionais, para trabalhar questões sobre traços, pinturas, além da própria identidade visual, e para serem tatuados de forma rápida, também em eventos ou no próprio estúdio, com valores acessíveis.

Hastes: ferro erguido longo e retilíneo em que se encrava a ponta da agulha,

Kit iniciante: materiais básicos para realizar uma tatuagem.

Tatuador aprendiz: Tatuador iniciante, que está em desenvolvimento da aprendizagem da tatuagem.

Papel hectográfico: papel carbono, de corante, geralmente roxo, solúvel em água, o suporte é usado para realizar o desenho para decalque.